

EXEMPLO DE CRÔNICA:

A MÁQUINA HUMANA

O ônibus engasgava, cuspiendo fumaça e ruídos metálicos que vibravam em meus tímpanos. A cada freada, um coro de reclamações e xingamentos ecoava pelo interior do veículo. Era como se a máquina, exausta, tentasse nos expulsar de suas entranhas. Mas nós, como formigas em uma fila interminável, nos agarramos aos assentos, impulsionados pela necessidade de chegar ao nosso destino.

A temperatura dentro do ônibus era sufocante. Corpos suados se espremiavam uns contra os outros, criando uma espécie de calor humano que se somava ao do motor. A sensação era a de estar dentro de uma panela de pressão, prestes a explodir. A cada parada, uma nova leva de passageiros se aglomerava na porta, como se estivessem sendo despejados de um funil. A multidão se assemelhava a um rebanho, cada indivíduo perdendo sua individualidade em prol do todo.

A imagem daquela massa humana sendo conduzida por uma máquina me fez refletir sobre a nossa sociedade industrial. Somos como engrenagens de uma grande máquina, cada um com sua função, mas todos interligados e dependentes uns dos outros. O ônibus, nesse contexto, é apenas mais uma ferramenta que utilizamos para alcançar nossos objetivos, um meio de transporte que nos leva do ponto A ao ponto B.

Mas, ao mesmo tempo em que a máquina nos facilita a vida, ela também nos aliena. A rotina frenética, a busca incessante por produtividade e a constante exposição a estímulos externos nos distanciam de nós mesmos e dos outros. Perdemos a noção do tempo, do espaço e da nossa própria humanidade.

Dentro daquele ônibus abafado, a sensação de anonimato era quase completa. Cada um mergulhado em seus próprios

pensamentos, em seus próprios problemas. A única conexão entre nós era a necessidade de chegar ao destino. Mas, mesmo assim, havia uma estranha solidariedade no ar, uma espécie de pacto tácito de resistência.

Ao descer do ônibus, senti-me exausto e um pouco desorientado. A rua, com sua algazarra e seu movimento frenético, me pareceu ainda mais caótica do que o interior do veículo. Mas, ao mesmo tempo, senti uma sensação de alívio por ter sobrevivido àquela jornada. Afinal, a vida é isso: uma sucessão de viagens, de idas e vindas, de encontros e despedidas. E nós, passageiros desse grande ônibus chamado vida, seguimos em frente, impulsionados por forças que muitas vezes desconhecemos.